

Algumas faces do feminismo e o tornar-se mulher à luz de D. W. Winnicott
Vera Regina Ferraz de Laurentiis
IBPW/IWA

Winnicott foi um autor que se debruçou sobre o universo feminino. Em sua longa trajetória como pediatra e psiquiatra infantil, ele atendeu e acompanhou de perto milhares de mulheres com seus bebês ao longo de décadas, aprofundando-se como nenhum outro psicanalista na experiência da maternidade, essa complexa aventura, e uma face do universo feminino, que muitas vezes acompanhamos em nossos consultórios, testemunhando as enormes dificuldades que cada mãe enfrenta, ou se atrapalha para enfrentar, nas diferentes etapas do amadurecimento de seus filhos, de acordo com os percalços em sua própria experiência quando bebê, criança, adolescente. Winnicott uma vez afirmou que só uma mulher pode sentir e talvez até imaginar, quando lhe faltou a experiência concreta da maternidade, “[...] o que se sente ao ver ali embrulhado no berço uma parcela do meu próprio ser, um pedaço de mim vivendo uma vida independente, mas, ao mesmo tempo, dependente e tornando-se pouco a pouco, numa pessoa” (1949/2017, p.15). Diferentemente de Freud, que se colocou de fora, perplexo, frente ao desejo feminino, proferindo a frase “afinal, o que querem a mulheres?”, Winnicott, em sua clínica psicanalítica, ao contrário do que ele mesmo disse na citação acima, demonstrou, assim como talvez só mesmo Chico Buarque em suas canções, que é, sim, capaz de imaginar como se sente uma mulher, buscando se colocar no lugar delas, e essa enorme capacidade de identificação cruzada, justamente talvez por ele ter integrado o próprio lado feminino, lhe deu uma espécie de *lugar de fala* sobre esse tema, além da legitimidade que vem da pesquisa científica.

Nesse sentido, é curioso notar como Winnicott, por meio da pesquisa psicanalítica, acabou enveredando por alguns caminhos sintônicos aos de mulheres contemporâneas dele que na época lutaram por direitos, espaços de atuação na sociedade, e buscaram encontrar palavras para saber mais de si, dos próprios potenciais, da condição feminina, e vislumbraram novos modos de se olhar, de se reconhecer, de se apropriar dessa condição. E que fizeram críticas à psicanálise, mostrando que a teoria psicanalítica não conseguiu criar imagens a respeito do feminino a não ser a partir do referencial masculino, ou seja, da ideia da falta, da castração, da ideia de uma identidade feminina que se constitui como uma espécie de espelho negativo do

falo. Winnicott ultrapassou essa imagem e pôde conceber todo um processo de construção da identidade feminina, tendo como referência, entre outros aspectos, o próprio corpo da menina e a experiência de elaborar imaginativamente esse corpo, o interior do corpo, o genital feminino com suas características próprias e os resultados disso em termos de sexualidade e psique. Nessa maneira de conceber a construção da identidade e sexualidade feminina está implícita a ideia de *vir a ser*. Diria a mulher feminista Simone de Beauvoir, “não se nasce mulher, torna-se uma mulher”, e Winnicott, indo além, mostrou que não só não se nasce mulher, mas também não se nasce um bebê, não se nasce um indivíduo e nem mesmo um corpo. Como dito na citação acima, nascemos um pedaço de carne, que se não for enrolado cuidadosamente num cobertor, ou embalado e amparado amorosamente pelos braços e olhar da mãe, vai ser despedaçado, cair para sempre e perder talvez também para sempre a oportunidade de construir conexões desse corpo com a psique, de construir a própria *capacidade de ter experiências* e, portanto, uma identidade sexual com base em experiências. Assim, a encarnação, ou o modo como esse pedaço de carne se transforma numa pessoa, ou as dificuldades da realização dessa tarefa, vão estar na base da constituição da identidade de modo geral e, claro, da identidade sexual e de gênero.

Se pensarmos na discussão ainda presente nos dias atuais entre as visões biologizantes dos que defendem que a identidade sexual, e de gênero, estaria ou deveria estar pautada inteiramente na biologia, e as concepções culturalistas, dos que defendem que são construções inteiramente culturais, Winnicott não pende nem para um lado nem para o outro, já que ele concebe o ser humano como uma espécie de ponte entre a fisiologia viva e o ambiente e descarta qualquer possibilidade de analisar os fenômenos pertencentes ao *animal humano*, a não ser a partir desse lugar de entendimento, ou seja, *entre* a natureza e a cultura.

Para Winnicott, anatomia não é destino: a gente nasce com uma fisiologia viva, mas precisa criar um corpo pessoal; a gente nasce com um sexo biológico, mas precisa criar uma identidade sexual. Agora, um dos elementos que compõe essa identidade é, sim, a anatomia, porque não somos seres abstratos, *sujeitos* unidimensionais, incorpóreos, meramente culturais, que sobrevoam algum espaço, somos seres potencialmente encarnados. Assim, a maioria das pessoas acaba criando uma identidade sexual que, embora com infinitas potenciais variações e nuances em termos de qualidades, tendências e fantasias, tende a se afinar com o sexo biológico, mas isso não é *a priori* nem menos ou mais patológico, só é, diz Winnicott, de modo geral, conveniente socialmente.

Winnicott parte da ideia da bissexualidade intrínseca ao ser humano. E ele destacou no percurso de amadurecimento, além de uma linha instintual, relacionada à integração das

demandas do corpo, todo um conjunto de fenômenos que compõem uma linha identitária no amadurecimento, e nessa linha está o potencial que todo ser humano nasce com, de se identificar seja com um homem ou com uma mulher. Não cabe aqui entrar no que o autor chamou, em sua fase madura, de elementos feminino e masculinos puros, conceitos importantíssimos que permitem refletir sobre os efeitos das identificações primárias na construção da identidade sexual e de gênero. Restrinjo-me a considerar as identificações cruzadas, que têm lugar quando o bebê já atingiu a condição de ser “um” e começou a se relacionar com o outro fora dele. Independentemente do sexo biológico do bebê, a partir da etapa do “eu sou”, ele se identifica ora com a mãe, ora com o pai, mais predominantemente com um ou outro, ou com outros membros da família, estabelecendo inclusive o que ele chama de pactos homossexuais, incorporando em sua personalidade qualidades ora mais femininas e ou mais masculinas, que podem advir dos aspectos femininos e/ou masculinos da mãe e/ou do pai. A bissexualidade humana também pode se manifestar na linha instintual, em termos do acento da elaboração imaginativa dos elementos e partes corpóreas masculinas, o falo no menino e o clitóris na menina, e a fantasia orgástica girar em torno dessa elaboração que vai na direção do confrontar, lutar, explodir, penetrar, enfiar coisas em buracos, furar, rivalizar ativamente etc., ou pode ser construída em termos da elaboração imaginativa das cavidades, das entranhas, do interior do corpo, da boca, ânus etc., e a fantasia girar em torno do receber, reter, ser penetrado (a), guardar, em torno das elaborações hipocondríacas sobre o interior do corpo, guardar segredo, gerar etc. Além disso, na consolidação da construção da identidade sexual, Winnicott considera um fator importante, que é por qual progenitor a criança está apaixonada no momento edípico.

Analisando os fenômenos desse modo, *entre* a anatomia viva e a cultura, Winnicott mostra que, além da parte do corpo que está em jogo, a natureza da fantasia é modulada pelo tipo de experiência que o bebê ou a criança teve num determinado ambiente, durante a etapa em que o uso excitado frequente de determinada região do corpo foi preponderante então, portanto, depende também do acaso.

Exemplos simples de como se constituem as fantasias de acordo com região do corpo, ambiente e etapa do amadurecimento: no momento em que predomina a experiência da amamentação e a elaboração imaginativa das inúmeras experiências excitadas em torno do aparelho responsável pela ingestão leva ao desenvolvimento de fantasias orais, se o período de amamentação foi satisfatório, considerando o conjunto de cuidados e não só a satisfação instintiva, o erotismo oral pode ter uma relativa predominância dentro da complexidade da fantasia total no futuro. Quando, além da ingestão, o bebê começa a se interessar e se tornar capaz de elaborar imaginativamente a digestão, o caminho do alimento, o interior do corpo

como um receptáculo de coisas vividas significativamente e a experiência anal podem ganhar importância e diferentes sentidos, por exemplo, a defecação pode ser erótica para um bebê, mas para outro pode haver um deslocamento do erotismo oral para a experiência anal receptiva, talvez por conta de manipulação etc. No momento em que as sensibilizações periódicas mais frequentes ocorrem em torno do clitóris na menina e do pênis no menino, dividem-se as águas entre as crianças do sexo masculino e feminino e a ênfase recai sobre a *performance*. Nessa hora, o menino pode se sentir completo e a menina, ao se comparar, pode ter a fantasia, que pode magoá-la, de que tinha algo de que foi destituída e, ao levar em conta a ausência do órgão visível, pode sentir-se inferior, precisando de recursos compensatórios, como usar uma boneca ou o próprio corpo como falo. (Laurentiis, 2016) Mas embora importante, porque nessa etapa há o reconhecimento das diferenças, e a negação da diferença entre sexos é delirante, e porque algumas mulheres podem padecer de uma inveja do pênis inconsciente que precisa ser trabalhada, na saúde essa é só uma passagem em que a menina integra seu elemento masculino e em seguida se dá conta da sua potência como mulher a partir da elaboração imaginativa das características próprias do genital e do corpo feminino.

A forma característica do genital feminino, que se adentra no corpo, faz com que na fase genital as fantasias da menina se conectem intimamente com o modo como ela elaborou o interior do corpo nas etapas anteriores. A experiência de reter a urina, as fezes, de acomodar as coisas dentro de si, de reconhecer o valor dessas coisas, de protegê-las, guardá-las, de brincar de guardar segredos, de juntar excitação e afeto e todo o desenrolar da novela interna na etapa do concernimento, passam a fazer parte integrante da constituição da identidade sexual feminina, que se abre para os mistérios do interior do corpo e para a complexidade de camadas que aí residem, que também se apoiam na herança geracional, porque é aqui que a menina precisa voltar a se identificar com a mãe, apropriando-se de novos aspectos da potência específica do corpo feminino: a capacidade de ser fêmea, de seduzir, atrair, copular e também de engravidar, gerar, dar à luz, ser mãe, cuidar.

A recuperação da identificação com a mãe já externa é importantíssima para a continuidade do *tornar-se mulher* a partir de si mesma, ou seja, com base no funcionamento corpóreo feminino, mas pode ser imensamente dificultada em vários pontos críticos da relação da menina com a mãe, especialmente quando houve alguma falha na primeira infância. Por exemplo, a menina, para integrar sua espontaneidade, precisa poder estar viva à frente da mãe, e a mãe precisa sobreviver. Um dos momentos críticos em que a menina precisa empregar um perigoso montante de destrutividade é justamente o da saída da fusão com a mãe. No caso de Winnicott da “mulher que não conseguia gritar”, entre outros aspectos, a paciente teve que

explorar na análise a sua capacidade estar viva frente à mãe, de protestar, de se separar da mãe em termos de raiva, de mordida e outras formas de agressão, para se tornar uma pessoa total sem que isso, diz Winnicott, significasse para ela que as duas sairiam mutiladas, sem um pedaço, uma fantasia que até então essa paciente tinha aceitado como evidente e que se acoplava à ideia de ser cidadã de segunda classe, por ser mulher. É curioso notar nessa passagem que, para se tornar mulher, a menina precisa integrar um aspecto de seu lado masculino na etapa em que alcança a identidade unitária, quando, ao expulsar a mãe subjetiva e defender ativa e aguerridamente seu corpo como um castelo e lutar contra os patifes sujos, a menina estabelece o direito de ser rainha desse castelo, inteira, podendo prosseguir vivendo a partir do seu corpo e si-mesmo femininos.

Noutro caso de Winnicott, o da “mulher das joias”, ele conta que ela teve a capacidade de identificação cruzada com a mãe externa impedida possivelmente em função de alguma falha nessa etapa logo após o alcance do “eu sou”, ou seja, da saída da fusão com a mãe. No relacionamento com a mãe já externa, ela se viu impedida de “vestir os calçados da mãe”, que se estilizou como não poder “usar as joias da mãe”, ou seja, se pôr no lugar dela, nem do analista, nem de ninguém, criando para si uma vida vazia e empobrecida. Incapacitada de construir uma vida assentada no seu si-mesmo feminino, essa mulher se especializou em viver com base em identificações projetivas a partir de um elemento masculino cindido.

Outro ponto crítico em que a identificação com a mãe pode ser dificultada é quando há falhas na etapa do concernimento, quando a menina precisa integrar a agressividade, odiar a mãe amada, ou seja, alcançar a capacidade de ambivalência e a precisa mãe sobreviver. Isso foi lindamente descrito por Winnicott num livro em que ele nos dá a chance de acompanhar a luta da menina Piggie que, em seu processo terapêutico, entre tantas outras coisas, recuperou a capacidade para a ambivalência simples. Piggie sofreu uma deprivação na etapa do concernimento e uma ruptura no ciclo benigno, perdendo o ambiente, a mãe boa, a boa relação que tinha com ambos os pais em função da reação dos dois – que também começaram se desentender –, mas principalmente da mãe, de extrema ansiedade por ter engravidado e dado à luz a bebê Susan, quando Piggie tinha 1 ano e 9 meses. Essa ansiedade extrema era justificada pelo fato de a mãe mesma ter sofrido enormemente com o nascimento de um irmãozinho numa idade semelhante à de Piggie. Piggie foi tomada por fantasias persecutórias delirantes, não só de uma mãe preta que a perseguia, mas do *babacar*, essa última relacionada ao próprio corpo da mãe, o qual Piggie viu inflar, carregar dentro de si e trazer à luz a irmãzinha-monstro, que chegou para perturbar sua vida. Do livro inteiro, que descreve um processo de análise extremamente rico e complexo, destaco aqui poucos detalhes, como o brincar de Piggie em

torno de encher o baldinho de brinquedos e esvaziá-lo, fazendo-o vomitar inúmeras vezes, gerando, em sua fantasia de impregnação oral, um bebê-monstro, infinitamente voraz. O nascimento encenado dessa e de tantas outras maneiras, inclusive por meio do uso do corpo do pai, levou Piggie a recuperar imaginativamente um corpo feminino pessoal – sede de excitações que poderiam ser integradas e não mais cindidas, geradoras de fantasias persecutórias – e a se reaproximar do corpo feminino da mãe, voltando a ser capaz de se identificar com ela de uma forma a se fortalecer e não mais se sentir perseguida. Esse longo processo teve um momento culminante numa sessão em que Piggie sugou vorazmente um lava-olho e teve como um orgasmo generalizado. Ao recuperar a capacidade orgástica do próprio corpo, ela também recuperou a memória da experiência de mamar prazerosamente na mãe. Ou seja, ao mesmo tempo em que recuperou as próprias funções corpóreas sobre as quais se assentaria seu self feminino, recuperou também a memória viva da mãe boa, a capacidade de se identificar com ela, e até de fantasiar com um *daddy man* e com a possibilidade de namorar, casar e, ela também, um dia, de engravidar e gerar.

Esses exemplos mostram como a construção da identidade sexual feminina passa por vários momentos críticos, que podem perturbar a capacidade da menina de se identificar com a mãe já externa. Na etapa edípica, essas dificuldades são acentuadas, pois a menina vai precisar, além de tudo, rivalizar com a mãe da dependência, vivendo mais uma vez a difícil equação de, a um só tempo, se identificar e se opor à mesma pessoa.

Por último, mas não menos importante, menciono outro ponto que Winnicott desenvolve a respeito do tema do feminino, o qual, me parece, atravessa o relacionamento que cada um de nós – homem, mulher, criança, adolescente, adulto – estabelece com uma mulher. Segundo Winnicott, não é possível esquivar-se do fato de que todo ser humano veio de uma mulher e esteve um dia completamente à mercê, dependente, em geral, de uma mulher. Essa dependência original e essa dívida com respeito à própria vida e às bases da própria saúde mental não são recordadas. O primeiro estágio desse reconhecimento surge sob a forma de medo: o medo da MULHER, a mulher da dependência, estrutural na maioria das sociedades de que temos notícias. A ele, Winnicott atribui nada menos do que a psicologia do ditador, o qual, a fim de lidar com esse medo, enclausura a mulher e atua no lugar dela, exigindo dependência, obediência absoluta e também "amor"; a psicologia das massas, dos que se deixam dominar e dão boas-vindas ao ditador, pois ele personifica, mas também limita as qualidades mágicas da mulher todo-poderosa da fantasia, podendo inclusive ser derrubado e, por último, o entendimento do enorme volume de crueldade contra as mulheres. Temas muito atuais no Brasil no mundo de hoje, que merecem ser explorados.

Referências

- Laurentiis, V. R. F. (2016). *Corpo e psicossomática em Winnicott*. São Paulo: DWWeditorial.
- Winnicott, D. W. (1949). Um homem encara a maternidade. In D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 15-18). Rio de Janeiro: GEN/LTC, 2017.